

# CLARICE LISPECTOR: GÊNERO, VIOLÊNCIA E CAMPO LITERÁRIO NO BRASIL

## CLARICE LISPECTOR: GENDER, VIOLENCE AND LITERARY FIELD IN BRAZIL

Maíra Honorato Marques de Santana<sup>1</sup>

UNB: <https://orcid.org/0000-0002-2249-6997>

DOI: 10.21680/1982-1662.2024v7n40ID35891

### Resumo

Este artigo procura demonstrar a importância do conceito de campo literário cunhado por Pierre Bourdieu (1996) para compreender a reconfiguração da obra de Clarice Lispector ressaltando a relevância das suas atividades jornalísticas na adaptação de seu estilo marcado por um profundo hermetismo e a consequente consolidação de outro estilo literário, que culminou na construção da obra *Laços de Família*, que rendeu a Clarice Lispector notoriedade nacional. A escritora fez uma adaptação de sua narrativa caracterizada pela descrição da experiência limite que a linguagem imprime e os enredos que destacam cenários de violência psicológica e doméstica para uma linguagem condizente com as expectativas do campo literário no Brasil. Tem-se como foco o estudo da centralidade do conceito de campo literário para a trajetória da autora e as tensões encontradas por Clarice na época.

**Palavras-chave:** Campo literário. Clarice Lispector. Pierre Bourdieu.

---

<sup>1</sup> E-mail: mairahms@yahoo.com.br

## Abstract

This article seeks to demonstrate the importance of the concept of literary field coined by Pierre Bourdieu (1996) to understand the reconfiguration of Clarice Lispector's work, highlighting the relevance of her journalistic activities in adapting her style marked by a profound hermeticism and the consequent consolidation of another literary style, which culminated in the construction of the work *Laços de Família*, which earned Clarice Lispector national notoriety. The writer adapted her narrative characterized by the description of the limit experience that language conveys, where the plots highlight scenarios of psychological and domestic violence in a language consistent with the expectations of the literary field in Brazil. The focus is on studying the centrality of the concept of literary field to the author's trajectory and the tensions encountered by Clarice at the time.

**Keywords:** Literary field. Clarice Lispector. Pierre Bourdieu.

## Introdução

O conceito de campo literário criado por Pierre Bourdieu (1996) dialoga com várias premissas ligadas à noção de reprodução e estratificação social. Ao denominar que ele tem leis específicas que influenciam na relação da menor ou maior dependência do universo artístico com as instâncias de poder, o autor compreende que os artistas atuam ora conservando e outrora rompendo com as premissas existentes neste espaço. Para os artistas aspirantes, imbuídos da *ilusão* – o interesse em “jogar o jogo” das expectativas do campo literário – eles emergem, contraditoriamente, negando as “regras” deste campo e criando um estilo autêntico e vanguardista. Para o teórico, os artistas já consolidados dentro deste espaço, procuram administrar os ganhos do reconhecimento e do capital cultural adquirido. Portanto, podemos observar que as obras de arte são dotadas de autonomia e de heteronomia em relação ao campo literário (Grenfell, 2018).

Essa taxonomia indígena, nascida da luta das classificações de que o campo literário é o lugar, tem por virtude lembrar que, em um campo ainda em constituição, a posição interna deve em primeiro lugar serem compreendidas como tantas umas especificações da posição genérica dos escritores (ou do campo literário) no campo de poder ou, se quiser, como umas tantas formas particulares da relação que se instaura objetivamente entre os escritores em seu conjunto de poderes temporais (Bourdieu, 1996, p. 84).

Bourdieu (1996) percebe que observando as obras de vários escritores, mais precisamente as de Charles Baudelaire (1985) e Gustave Flaubert (2015), que há diferentes temáticas e vários estilos estéticos no contexto político e cultural da França e que essas diferentes abordagens ocorrem a partir das disposições dos escritores no campo de poder. A partir da obra de Gustave Flaubert (2015), a *Educação Sentimental*, afere uma ruptura feita pelo escritor com o campo que ele denomina de a "arte comercial" ou "burguês", e com outro campo, que é mais engajado com as causas "proletárias" ou chamada de "arte social". Bourdieu (1996) associa esta ruptura de Flaubert à mesma atitude de Baudelaire, mesmo que o último estivesse mais próximo do realismo, e elenca algumas razões: a independência financeira em relação a outros escritores e acúmulo de capital cultural, amadurecimento em relação aos estilos estéticos, e observa que estes são requisitos importantes para Gustave Flaubert (2015) inaugurar o estilo chamado de "a arte pela arte" e assim atualizar as discussões do campo literário francês da época (Bourdieu, 1996). A ruptura feita pelo personagem Frédéric, é a mesma realizada por Flaubert (2015), pois Bourdieu (1996) associa as angústias vividas pelo personagem com as vivenciadas pelo autor, levando em conta a complexidade do campo literário francês.

Neste sentido, no livro *As regras da arte*, Bourdieu (1996) faz uma digressão profunda através do livro *A educação sentimental* destacando algumas questões a respeito da construção do campo simbólico presente na literatura. Ele conclui que as narrativas levantam assertivas sobre a relação de poder, ensinamentos dos valores sentimentais, normas e condutas sociais e como estas se relacionam com a sociedade e com o campo literário descrito por Bourdieu (1996). Através da análise do livro *A educação sentimental* reflete sobre as dicotomias observadas por ele na análise do campo literário. Bourdieu (1996) faz claramente na primeira parte de *As regras da*

*arte* uma demonstração da organização dos personagens no enredo de *A educação sentimental* mediante a elaboração de quadros e arquétipos, correlacionando-os com as posições de Baudelaire (1985) no interior do campo literário. Destaca que as inseguranças do escritor, como a herança que ele possui, são bastante marcantes na organização das disposições e atitudes do personagem principal da obra, correlacionando a estrutura social com a organização das narrativas.

Assim, através da personagem de Frédéric e da descrição de sua posição no espaço social, Flaubert revela a fórmula geradora que esta no princípio de sua própria criação romanesca: a relação de dupla recusa das posições opostas nos diferentes espaços sociais e das tomadas de posições correspondentes que esta no fundamento de uma relação de distância objetivadora com relação ao mundo social (Bourdieu, 1996, p. 186).

Desta forma o estudo do conceito de campo literário é de suma importância para conceituar as narrativas. O campo para Bourdieu (1996) representa este conjunto de leis imanentes e pré-reflexivas imersas em cada lugar e que têm valor por elas mesmas. Estas se vinculam às relações de poder e ao capital econômico, o que Grenfell (2018) denomina de "inconscientes de classe". Cada campo é vinculado às relações de poder, mas são autônomos, e são importantes pela disputa pelos bens simbólicos ofertados. Neste sentido, várias outras questões percebemos atreladas ao campo. O campo é marcado por uma eterna luta simbólica de consolidação, direcionada pela reprodução da doxa e leis que não são questionadas nas relações culturais (Grenfell, 2018).

Percebe-se na obra de Bourdieu (1996) um traço estrutural evidenciado na sua compreensão de mundo. Segundo ele, a sociedade explica-se pela luta pelo capital simbólico porque as questões econômicas determinam, mas as relações de poder são mais complexas que as econômicas. O *habitus* é uma estrutura que organiza as práticas e são estruturadas e estruturantes. O comportamento é formado a partir do *habitus* (o que organiza a práxis), o capital e os condicionamentos do campo (Grenfell, 2018). Além de o *habitus* representar para ele um conjunto de ações internalizadas do sujeito, que acrescentada pela luta pelo capital cultural e as dimensões do campo resulta no comportamento da sociedade, ele significa um conjunto de ações estruturadas e estruturantes que são observadas objetivamente nos

comportamentos dos sujeitos. Por isso que, imbuída do arsenal teórico proposto pelo teórico, percebe-se a necessidade de compreender os processos de dominação existentes no universo do mundo artístico, mais precisamente, no campo literário brasileiro, no que concerne às dimensões de profissionalização das atividades literárias. Por isso, busca-se compreender as relações delicadas que os escritores têm com as dimensões de poder atravessadas por este campo, tais como: a influência de imprensa, o poder estatal e o mercado editorial, ou seja, instituições intrínsecas e formadoras da atividade literária no país (Miceli, 2001d).

Para compreender tal contexto procura-se analisar a trajetória de Clarice Lispector e sua legitimação e consagração no espaço literário brasileiro, na perspectiva de realçar as instâncias de dominação neste campo e dos traços da sociedade da época, sem esquecer os aspectos de formação de uma sensibilidade estética da escritora que se relacionam entre vários fatores, tais como: as dilapidações e trunfos sociais, a perda ainda na infância de sua genitora, a posse de trunfos herdados da posição da fratria ou linhagem (os chamados parentes pobres de uma geração abastada) e o capital objetivado do próprio campo. Compreender esses fatores é de suma importância para traçar um quadro das relações de autonomia e heteronomia existentes no campo literário brasileiro. A trajetória da autora conflui-se com o surgimento de instituições no Brasil que proporcionaram o desenvolvimento e expansão das atividades literárias no país que se relacionam com o crescimento da imprensa e a consagração das atividades literárias na década de 30, onde o mercado livresco teve seu maior apogeu, fase descrita por Sergio Miceli (2001b) como "o surto editorial" no país. Coincidentemente o gênero adotado por Clarice é o estilo que mais vendeu livros no Brasil, os "romances de amor" ocuparam o primeiro lugar no gênero ficcional que se traduziram em 30% dos títulos mais vendidos no país na década de 1930, onde a venda anual de livros no Brasil nesta época girou em torno da reprodução de 2,3 milhões de títulos anuais (Miceli, 2001c).

Entretanto, o período a ser estudado é a fase de ascensão da carreira da autora, período compreendido entre 1940 e 1961, fase que Clarice Lispector vivenciou as oscilações e a consolidação de sua carreira como escritora. Apresentar qualquer discussão neste sentido não seria possível sem o grande arsenal bibliográfico sobre

suas obras, fortuna crítica concentrada nos campos da sociologia, filosofia, linguística e antropologia. Ao fazer uma pequena busca no site Catálogos de Teses e Dissertações da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), verifica-se 997 títulos entre dissertações e teses. Sua obra está dividida em 22 livros, sendo 9 romances, 6 livros de contos, 4 livros de literatura infantil, 3 livros póstumos e mais de cinco mil textos entre contos e crônicas. Pelos motivos enunciados acima faz-se importante compreender por meio de uma abordagem inicialmente bibliográfica e documental (a qual reúne biografias, cartas trocadas entre escritores, e registros sobre a autora em jornais e revistas) acerca das motivações simbólicas da escritora e o lugar (inicialmente como jornalista) que ela ocupava-se para conhecer as regras vigentes do campo literário no Brasil, que possibilitaram ou ofereceram as condições concretas para a difusão de sua obra.

### Contextualização histórica e trajetória

É sabido, mediante inúmeros registros, que Clarice Lispector experienciou uma relação delicada com as dimensões de poder vigente da época (Gotlib, 1995). Migrante de uma zona de guerra, uma judia que saiu da Ucrânia – embora ela não gostasse de falar sobre sua identidade –, aparentemente parece não ter encontrado dificuldade em se solidificar no Brasil e no campo literário brasileiro. A sua família, ao mesmo tempo em que arrecadava fundos para a "causa de Israel" nutria profunda amizade com representantes do alto escalão do Governo de Getúlio Vargas (Gotlib, 1995). Clarice trabalhava na Agência de Notícias do Governo, e escondia suas origens natais, por medo da perseguição antissemita. A autora que ganhou notoriedade no Brasil ao tratar de temas acerca da construção da linguagem (Nunes, 1989), colocando-a no epicentro de suas narrativas, como também as reflexões que cunho filosófico-existencial acerca da origem humana ou a pergunta do que é o humano, logo se solidificou nos círculos literários brasileiros.

O processo de legitimação da escritora no período de 1940 até 1961 atravessou vários momentos, desde o furor causado com a publicação de *Perto do Coração Selvagem* ([1943] 1998) até o ostracismo após a publicação de seus livros *O lustre* ([1946] 1998) e *A cidade sitiada* ([1949]1998), considerados profundamente

herméticos. Após perceber essa reação da crítica literária, ela mudou um pouco o seu estilo e adaptou-se ao padrão presente no campo literário brasileiro da época. A partir desta fase, ela reuniu os seus primeiros contos e publicou o livro *Alguns Contos* ([1952] 2018)<sup>2</sup>. Assim, após perceber a dificuldade das editoras para publicar o livro *A maçã no escuro* ([1961] 1998), uma obra que possui longa e profunda reflexão existencial, entre 1956 a 1961, ela escreve novos contos, os une aos primeiros e publica um novo compêndio de contos de maior projeção chamado *Laços de Família* ([1960] 1998).

A ficção de Clarice Lispector passou por duas distintas fases quanto à receptividade dos escritores brasileiros. Conhecida apenas entre os críticos e escritores na primeira fase, que começa com seu romance de estreia, *Perto do Coração Selvagem*(1944), a maior recepção da sua obra deu-se na segunda, a partir de 1959, com o aparecimento de seu livro de contos *Laços de Família* o qual conquistou o público universitário, e despertou interesse por outros romances de autora. *O lustre* e *A Cidade Sitiada*, publicados em 1946 e 1949, e respectivamente, *A maçã no escuro* em 1961. Creio que a morte da autora abriu uma terceira fase de recepção à sua obra, condicionada, depois da impressão desconcertante que produziu, *A Paixão Segundo G.H.*, romance de 64, às peculiaridades de dois livros, *A Hora da Estrela*, que precedeu de meses o passamento de Clarice Lispector em dezembro de 1977 e *Um Sopro de Vida*, publicado postumamente. Por uma sorte de efeito retroativo, ambos permitem desvendar certas articulações da obra inteira de que fazem parte, em um singular processo criador, centrado na experiência interior, na introspecção, nos estados da consciência individual, que principiara em *Perto do Coração Selvagem* (Nunes, 1989, p. 01).

Após o sucesso de *Laços de Família* ([1960] 1998) e também favorecida pelo destaque e status que obteve na coluna Correio Feminino, do Jornal *Correio da Manhã*, que era patrocinada por várias empresas de artigos femininos, Clarice Lispector não tem mais dificuldade de publicar nenhum de seus livros, o trauma do esquecimento após a publicação de *Perto do Coração Selvagem* ([1943] 1998) é perceptível através da inserção de pseudônimos para a sua reinserção no campo literário, nas três colunas que escrevia, assinados por Teresa Quadros, Helen Palmer e Ilka Soares, respectivamente, nos jornais *O comício*, o *Correio da Manhã* e o *Correio*

<sup>2</sup> Os *Alguns Contos* foi a primeira obra que deu origem ao livro *Laços de Família*. Todavia o livro lido para acessar esta obra foi o *Todos os Contos: Clarice Lispector* (Moser, 2018) tendo em vista a impossibilidade de acessar o original.

*da Noite*. Após o notório sucesso da autora, sobretudo através do crescimento dessas colunas, a autora se consagra no campo literário do Rio de Janeiro, através da publicação de um livro de contos no mesmo estilo das colunas, o *Laços de Família* (1988).

Entretanto, novamente inserida no campo, publica livros considerados mais herméticos que os anteriores, como os romances *A paixão segundo G.H* (1964) e *Água Viva* (1998), e também escreve contos até final da sua vida, como a publicação do livro *Onde Estivestes de Noite* ([1974] 1999). Desta forma, podemos perceber as questões de gênero influenciando de sobremaneira esse período de dificuldade que ela vivenciou e as estratégias que procurou para legitimar-se no campo literário brasileiro, ou seja, o estabelecimento de diálogos e mediações com os editores de revistas, jornais e editoras, com a Academia Brasileira de Letras, com críticos literários e escritores da época. O processo de consagração da autora desde o surgimento de seu primeiro romance *Perto do Coração Selvagem* (1998) sempre esteve atrelado à identificação das mulheres com suas temáticas, ou seja, narrativas que denunciam várias situações de violência psicológica e doméstica, a centralidade da reflexão sobre o matrimônio e as relações amorosas das mulheres.

A ciência das obras culturais supõe três operações tão necessárias e necessariamente ligadas quanto os três planos da realidade social que apreendem: primeiramente, a análise da posição do campo literário (etc.) no seio do campo do poder, e de sua evolução no decorrer do tempo; em segundo lugar, a análise da estrutura interna do campo literário (, etc.), universo que obedece as suas próprias leis de funcionamento e de transformação, isto é, a estrutura das relações objetivas entre as posições que ocupam os indivíduos ou grupos colocados em situação de concorrência pela legitimidade; enfim, a análise da gênese dos habitus dos ocupantes dessas posições, ou seja, os sistemas de disposições que, sendo o produto de uma trajetória social e de uma posição no interior do campo literário (etc.), encontram nessa posição uma oportunidade mais ou menos favorável de atualizar-se (a construção do campo e a condição lógica previa para a construção da trajetória social como série das posições ocupadas sucessivamente nesse campo)"sucessivamente nesse campo (Bourdieu, 1996, p. 243).

Todavia, ressaltamos também que nas obras da autora, existe uma linha comum, uma reflexão imanente, para não dizer latente, que se relaciona com o seu *habitus* primário e que essa motivação, formada desde muito cedo, a partir de uma educação erudita, este traço de sua personalidade atuaram de maneira contundente na inclinação para as atividades literárias. Observa-se, portanto, pontos a serem perseguidos nessa investigação:

Bourdieu oferecia três passos que poderiam ser utilizados para investigar um campo em particular: 1- Analisar a posição do campo em relação ao campo de poder 2 - Estabelecer a estrutura objetiva das relações entre as posições ocupadas pelos agentes e instituições que competem neste campo 3 - Analisar o *habitus* dos agentes, os sistemas diferentes de disposições que eles adquiriram através da interiorização de um tipo determinado de condições sociais e econômicas e encontram numa trajetória definida no interior do campo em questão uma ocasião mais ou menos favorável de se realizar (Grenfell, 2018, p. 105).

### **Escrever o feminino: Clarice e a violência simbólica no campo**

Constância Lima Duarte (2016) aponta que o pensamento social construído por mulheres foi realizado em momentos cruciais na história do Brasil. A primeira bandeira feminista levantada no país foi sobre o direito de ler e escrever, conquista que só se efetivou em 1827, quando foi permitido às mulheres estudar em escolas públicas e particulares. Observa-se que em 1870, após o grande incentivo à intelectualização das mulheres, passaram a surgir no Brasil inúmeros jornais feministas, que se transformaram numa ponte das mulheres fora do universo escolar com os ideais feministas. Assim, paulatinamente, as mulheres foram conquistando a cidadania e o direito ao voto e foi somente na quarta onda, no século XX, que elas vivenciariam a revolução sexual. É possível apontar, inicialmente, que a investigação da obra de Clarice Lispector consiste no fato dela ser, por mais de três décadas, uma interlocutora desses textos feministas através de seus romances, contos e colunas, contabilizando mais de cinco mil textos. Pode-se dizer que a “Literatura de Autoria Feminina” sempre sofreu diversas tentativas de silenciamento, sobretudo quando se observa que a literatura, nas mais diversas épocas históricas, esteve relacionada com o projeto de Estado-nação.

Em *Mozart: sociologia de um gênio*, Norbert Elias (1995) afirma que o rei sofria críticas da corte quando não havia um músico que agradasse ou que elaborasse criações fora dos estilos legitimados por ela. Do mesmo modo dos impasses vividos por *Mozart: sociologia de um gênio*, a “Literatura de Autoria Feminina” sofreu várias intempéries diante dos modelos canônicos. Antônio Cândido (1970) aponta a premência de se refletir sobre a necessidade de narrativizar o país em busca de uma identidade nacional, bem como as dificuldades encontradas pelas mulheres nesse contexto. Tal como ocorre com muitas mulheres, Clarice em muitos momentos deixou de se dedicar às atividades literárias para dar vazão aos compromissos com a família, o estado e o mercado editorial.

Podemos perceber que a arte sempre foi objeto de disputa nos principais contextos de mudança social e ebulição política. Clarice e outros escritores sempre estiveram entrincheirados por momentos delicados e tiveram que fazer concessões ou até mesmo mudar suas narrativas. São observadas, de forma mais precisa, as mudanças que Clarice fez na narrativa de *Perto do Coração Selvagem* (1998) para a de *Laços de Família* (1998). O aprofundamento da narrativa psicológica e metafísica foi bastante pronunciado desde suas primeiras obras. A solidão e o abandono em certa medida continuam presentes no imaginário das personagens em *Laços de Família* (1998), porém muitas das discussões sobre a cosmologia do mundo presente em *A maçã no escuro* (2018) são abandonadas por ela. Essa temática é substituída pelo cotidiano das mulheres donas de casa e das relações familiares. Logo, mais adiante, percebem-se as negociações que Clarice precisou elaborar para se consolidar e fazer com que seus livros fossem considerados interessantes pelo mercado editorial. Ao verificar a narrativa de seus primeiros livros, encontramos elementos para se pensar várias temáticas, principalmente as relativas às questões de gênero. Em seu primeiro livro, *Perto do Coração Selvagem* (1998), escrito aos 21 anos, questiona-se acerca do universo da maternidade e do matrimônio, levantando as questões psicológicas e existenciais de Joana, que rompe com uma relação estável e com o ideal de que toda mulher deve ser mãe.

Sobre os aspectos estilísticos observados na mudança orquestrada por Clarice após a elaboração do livro *Maçã no Escuro* (1998) observam-se as premissas apontadas

por Arnaldo Franco Júnior (2008) a respeito do romance moderno e do romance rosa. O autor argumenta que em muitos momentos Clarice se distanciou e aproximou-se a partir da criação do livro *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres* (1998) do estilo do romance rosa. É inegável a tônica feminista presente na maioria da sua obra, mas este trabalho visa argumentar que à medida que Clarice se aproxima dos trabalhos com as empresas de cosméticos femininos que patrocinavam as suas colunas nos jornais, ela se distanciava da mensagem poética encampada desde seus primeiros escritos e, desde então, a autora passa a mesclar o seu estilo ao do romance rosa (Franco Junior, 2008).

Neste sentido, este trabalho visa argumentar que Clarice Lispector aproximou-se em um dado momento da estrutura do romance rosa, ou romance do coração, que buscava refletir sobre as experiências eróticas amorosas da mulher burguesa, sem necessariamente refletir sobre as desigualdades sociais relativas às questões de gênero. Como características do romance rosa, Rosane Manhães Prado (1981) faz uma pequena análise acerca das temáticas presentes em muitos livros destinados às mulheres, os quais fazem parte das coleções Romances Sabrina, entre outros. Observa-se o regresso às temáticas tratadas nestes tipos de romance, pronunciadamente a partir de uma fase da trajetória da autora, mais precisamente, a partir da negociação e articulação com um mercado consumidor e das colunas jornalísticas, onde Clarice mesclava antigos temas já tratados (como o protagonismo da linguagem e das perspectivas do existencialismo, onde ela questiona sobre a existência humana e o sentido da vida e da morte).

Argumenta-se, portanto, que essa mudança estilística é resultado dos constantes silenciamentos imputados à narrativa de autoria feminina, a exemplo da sua mudança da narrativa metafórica e diacrônica para uma linguagem epifânica, presente em *Laços de Família* (1998), e do esquecimento de temáticas que abordam a violência psicológica e o cenário da violência doméstica, vivenciados em seus primeiros livros. Mesmo sofrendo profundo ostracismo no campo literário, encontramos no seu estilo irônico a sua principal contestação. Ao fazermos uma comparação das temáticas por meio do destaque de palavras-chave entre as primeiras obras de Clarice e o livro *Laços de Família* (1998), observamos o seguinte quantitativo

para o número de palavras.

**Tabela 1 - Comparativo de Palavras**

<b>DEMONSTRATIVO DOS TERMOS NAS OBRAS</b>	<i>Laços de Família</i> (71 páginas)			<i>Perto do Coração Selvagem, O lustre, A cidade sitiada e A maçã no escuro</i> (624 páginas)		
<b>TEMAS DO ROMANCE ROSA</b>	Família	Filhos	Marido	Família	Filhos	Marido
<b>NÚMERO DE PALAVRAS</b>	38	21	28	10+ 53+ 8+ 11 <sup>3</sup>	4+20+2+11	14+16+32+ 10
<b>OBRAS</b>	<i>Laços de Família</i> (71 páginas)			<i>Perto do Coração Selvagem, O lustre, A cidade sitiada e A maçã no escuro</i> (624 páginas)		
<b>TEMÁTICAS FILOSÓFICAS, EXISTENCIALISTAS E FEMINISTAS</b>	Deus	Morte	Existência	Deus	Morte	Existência
<b>NÚMERO DE PALAVRAS</b>	17	09	01	79+69+18 +113	38+36+5+4 7	9+0+8+12

Fonte: Elaboração Própria (2021).

Ao observarmos os dados da tabela 01 percebemos através da comparação das palavras que as obras citadas remetem ao conceito de romance rosa, representados por meio das palavras-chave família, marido e filhos. Chama-se a atenção para o aumento destes termos no livro *Laços de Família* (1998) e como há uma redução dos mesmos termos nos livros anteriores a este. Percebe-se também, o quanto as temáticas que Clarice trabalhou foram se afinando com as expectativas do mercado editorial.

Até 1932, as mulheres não podiam votar e o ambiente destinado a elas no universo do mundo do trabalho era bastante restrito. Todavia, as temáticas lançadas por Clarice Lispector, até o momento conhecidas nos círculos eruditos, eram bastante vanguardistas para a época. Joana era uma moça que desiste de um casamento para viver uma nova história de amor, e tem um forte diálogo com a amante de seu

<sup>3</sup> O sinal de + é para somar os quantitativos de palavras em cada livro. Ressalto que foram utilizadas as versões contidas nas bibliografias e somadas por programa de computador.

marido, que potencialmente seria sua rival. Joana rompe com o estereótipo de mulher idealizada que era vinculado nas propagandas publicitárias. Para além do conteúdo da obra, os fluxos de memória no livro são de grande brilhantismo, bem como a descrição psicológica das personagens, a composição de seus traumas e as lembranças ou memórias, trazem reflexões bastante profundas sobre o mundo e o contexto de vida das mulheres. O abandono que marca a trajetória da personagem, assim como a dureza com que as mulheres tratam as outras, é de uma profundidade singular – impossível não se lembrar da tia de Joana, que a xinga de víbora, pecha que a acompanha durante toda a narrativa. Clarice, em *Perto do Coração Selvagem* (1998), elabora um mosaico de sensações e reflete sobre a culpa primordial que as mulheres carregam desde os primeiros escritos bíblicos.

Ao fazer uma investigação do contexto social das escritoras da época no Brasil, percebemos uma profunda dificuldade da literatura escrita por mulheres para se consolidar. Ao observarmos o contexto da formação da Academia Brasileira de Letras (ABL) e a cláusula que proibia em seu artigo 17 a entrada de mulheres naquele espaço, vê-se o quão difícil foi para algumas escritoras serem reconhecidas no campo literário do país. Ao pesquisar sobre a entrada das mulheres na Casa de Machado de Assis, são percebidos os entraves formais e as manobras indiretas para a obstrução da entrada das mulheres neste espaço hegemônico. Durante várias décadas os acadêmicos buscaram justificar a ausência feminina na entidade, seja na exclusão de Júlia Lopes na lista final dos membros fundadores, a desconsideração do nome de Carolina Michelins como possível concorrente a disputa a vaga destinada aos sócios correspondentes, ou na invalidação da proposta a candidatura encaminhada por Amélia Beviláquia. Lançou-se a mão, “em cada situação específica, de artifícios pouco convincentes, todos eles elaborados a partir de informações enviesadas que o Regime Interno facultou” (Fanini, 2009, p. 17).

## Resultados

Desta forma, ao destacar os aspectos de autonomia e heteronomia vivenciados por Gustave Flaubert (2015) no campo literário, percebemos semelhanças na trajetória de Clarice Lispector em relação ao teórico francês. Na fase profissional da

escritora, mais precisamente a partir da conclusão da obra *A maçã no escuro*, é notória as pressões no campo literário para que a autora reconfigurasse a sua obra.

A subordinação estrutural que Clarice receia é evidente. Ela não quer ser rotulada de escritora que se rendeu ao sistema. No seu livro, Bourdieu (1996) nos descreve os termos da “emergência de uma estrutura dualista”. A situação de conflito do escritor no Sec. XIX na França é extremamente esta: forçosa opção de pertencer a um quadro ou a outro, isto é, cooptar as bênçãos da burguesia comanditária ou de se opor a ela. O quadro descrito por Bourdieu (1996, p.144) é bastante elucidativo da divisão econômica das artes e dos artistas. No espaço social (nacional) dois campos operam: o campo de poder e o campo de produção cultural. Para ser mais exato, o primeiro comporta o segundo já que a produção se traduz como força crítica da qual o campo de poder quer se apoderar. Dentro do campo de produção cultural, as duas forças constituem subcampos: o da produção restrita que imperam a vanguarda e a boemia e o da grande produção que imperam o vaudeville, o folhetim e o jornalismo (Moura, 2008, p. 14).

Destaca-se que Clarice, para se inserir outra vez no campo literário brasileiro, passou a trabalhar em diversos jornais e a partir da relação com as crônicas escritas para estes veículos de comunicação, conseguiu reformular a sua obra. Podemos aferir que após a sua estreia, os livros *O lustre* (1998), *A cidade sitiada* (1998) e *A maçã no escuro* (1998) esboçavam o distanciamento observado no “estilo da autora” com a produção literária vigente. Seu estilo fortemente marcado por fluxos de memória e reflexão metafísica sobre a origem do homem tiveram resistência no Brasil. Estilo já enunciado desde o seu segundo livro *O lustre* (1998) e até mesmo *A cidade sitiada* (1998), que foram considerados de difícil compreensão e não fizeram muito sucesso entre o público até hoje.

Em *O lustre* (1998), a escritora disserta essencialmente sobre violência psicológica vivida pela personagem Virgínia em relação ao seu irmão Daniel, a trama possui forte descrição interior da personagem já que foi um ensaio para a elaboração do seu último romance, *A hora da estrela* (1998). Assim como Macabeia, Virgínia morre atropelada por uma sociedade que violenta as mulheres, fato demonstrado na relação de subserviência da personagem da trama com o seu irmão. E em *A cidade sitiada* (1998) a escritora apresenta um movimento estético bastante original onde a cidade se transforma a partir das mudanças da personagem Lucrecia, fazendo um paralelo entre a psique e o mundo externo. Após a publicação do segundo livro, *O*

*lustre* (1998), ela dá à luz a seu primeiro filho, o Pedro. Nesta época, os livros de Clarice enfrentam grande dificuldade para serem publicados. Paralelamente a este fato, outro grande nome no cenário nacional, Guimarães Rosa, lança um famoso livro de contos, o *Sagarana*.

Outro dia saiu um livro que está fazendo o maior furor, é o termo. Vocês possivelmente já ouviram falar, pois é do Chefe de Gabinete de Itamaraty, o Guimarães Rosa. Chama-se Sagarana, livro de contos, muito bem escrito, misto de Monteiro Lobato, Cyro dos Anjos, Euclides da Cunha e Mário de Andrade, entenda se possível [...] Acho que realmente estão exagerando no silêncio em torno do seu livro, todo mundo quer sair do Brasil e os que vão sair só pensam em escrever sobre o Sagarana, por entusiasmo, mas também por misteriosas razões ministeriais ligeiramente antipáticas: são uns sagaranas (Sabino; Lispector, 2006, p. 26).

O lançamento deste livro acontece em 1946, no mesmo período em que Clarice Lispector escreve *O lustre* (1998). Nesta fase da vida da escritora é notória a tensão encontrada entre o seu estilo e as normas e regras vigentes no campo literário descrito por Bourdieu (1996). Clarice, urgentemente, precisa fazer uma negociação para poder encontrar legitimação no campo onde está inserida. O peso da imprensa é importante para o estabelecimento do campo literário brasileiro, desde as épocas mais incipientes no Brasil:

A imprensa feminina carrega, desde a sua origem, o entretenimento da mulher-leitora e, ao contrário de ampliar seu conhecimento sobre o mundo factual, segrega-a ainda mais ao espaço privado da casa. No Brasil, a imprensa feminina surge por volta de 1820, primeiro diluída no jornal factual, depois em forma de jornal dirigido ou de revista. De acordo com Buitoni, o primeiro periódico feminino brasileiro foi o carioca *O Espelho Diamantino*, publicado em 1827, cujo subtítulo era “periódico de política, literatura, belas-artes, teatro e modas, dedicado às senhoras brasileiras”<sup>76</sup>. Foi uma publicação quinzenal e teve 14 edições. Em 1839, é lançado o *Correio das Modas*, que saía aos sábados, e trazia moda, literatura, bailes e teatro, cuja duração estendeu-se até 1841. No Recife, anos antes, em 1831, surge *O Espelho das Brasileiras*, o qual circulava duas vezes por semana e teve 30 edições. Para Roger Chartier, “as mulheres constituíam uma parte substancial e crescente do novo público leitor de romances e a tradicional diferença entre taxas de alfabetização masculina e feminina diminuiu e finalmente foi eliminada por volta do fim do século XIX” (Almeida, 2015, p. 43).

A partir dos preceitos de Pierre Bourdieu (1996) , podemos perceber que a tensão encontrada por Clarice para encontrar um "estilo literário" que se coadunasse com as expectativas do campo literário e atualizasse as suas discussões. Percebemos essa assimilação do estilo do campo literário, quando ela passa a rememorar o cenário urbano do Rio de Janeiro: os bondes, as idas ao mercado, aos jantares e as relações amorosas de personagens de classe média, entre outras questões mais ligadas ao cotidiano das mulheres e que dizem respeito à vida privada das consumidoras das suas colunas escritas nos jornais da época, aspectos importantes para Clarice reafirma-se como uma das maiores escritoras do país.

O produtor da obra de arte não é o artista, mas o campo de produção enquanto universo ou crença que produz o valor da obra de arte como fetiche ao produzir a crença no poder criador do artista. Sendo dado como obra de arte só existe enquanto objeto simbólico dotado de valor se é conhecida e reconhecida, ou seja, socialmente construída como obra de arte por expectadores dotados de disposição e competência estéticas necessárias para conhecer e reconhecer como tal, a ciência das obras de arte tem por objetivo não apenas a produção material da obra, mas também a produção do valor da obra, ou o que dá no mesmo, a crença no valor da obra (Bourdieu, 1996, p. 270).

O livro *Laços de Família* (1998) é dividido em 13 contos, que dissertam sobre diferentes contextos das vidas das mulheres. Há casos da paixão de uma adolescente pelo professor – *O crime do professor de matemática*; no conto *A galinha*, ela procura demonstrar através do sofrimento de um animal que está sendo caçado questionar um assunto bastante caro para feminismo, o tema da reprodução. Lispector, através da metáfora e da fuga da galinha e o cerco feito realizado para capturá-la e a tensão da caçada impetrada, aponta para um fato que salva a vida da galinha – inesperadamente ela põe um ovo. Deste modo, o texto retrata uma galinha que, em vias de sua morte, põe um ovo e prolonga um pouco mais seu tempo de vida. A autora, assim como na maioria das suas narrativas, destaca a morte como um de seus principais personagens. Noutro conto, *Preciosidade*, ela destaca um estupro sofrido por uma adolescente que voltava da escola. No conto *Amor*, ela tece a mudança da personagem a partir dos ovos quebrados, simbologias (ovo e galinha) usadas frequentemente por Lispector para falar de vida e morte, num cenário de relações entre as mulheres que denotam uma profunda reflexão existencial das

relações sociais. Todavia, mesmo escrevendo diversos contos que foram bastante aceitos e rendeu grande notoriedade a autora, Clarice não consegue se desvencilhar de seu estilo mais intimista e publica *A paixão segundo G.H* (1964) e *Água Viva* (1998).

As questões de gênero aparecem fortemente nos livros do período a ser estudado na vida de Clarice, como no livro *A maçã no escuro* (1998) e no *O lustre* (1998). Em *A maçã no escuro* (1998) a trama gira em torno da culpa do personagem central em relação ao assassinato de sua mulher. O enredo se constrói a partir das memórias de um crime que se consuma através da violência doméstica, e no *O lustre* (1998) a personagem Virgínia sofre sistemática violência psicológica de seu irmão, até morrer atropelada por um carro, assim como Macabeia em *A hora da estrela* (1998). Destacar essas temáticas torna-se de fundamental importância para compreender a identificação de mulheres da classe média com o estilo de Clarice. Nesse sentido, observar as temáticas apresentadas por ela, além da relação com o reconhecimento do campo literário, torna-se de suma importância para a compreensão da identificação de uma camada de consumidoras de sua obra. Partindo deste princípio, inicialmente, destacamos que esse enredo trazido pela autora tem bastante relação com os dilemas enfrentados pelas mulheres na sociedade na época.

Assim o habitus torna-se o princípio que gera as ações do indivíduo. Ele é constituído de um sistema de disposições duráveis e transferíveis, que funciona como um princípio organizador das práticas. O habitus então orienta as práticas individuais e coletivas. A Prática de um indivíduo é resultado da mediação entre habitus (herdado da formação familiar, educacional) e campo (o qual ele está inserido) (Viana, 2007, p. 44).

Destaca-se como marco histórico o lançamento do livro *Laços de Família* (1998) como um momento onde se inicia uma relação da escritora com um público universitário feminino. Mesmo escrevendo várias crônicas e sendo bastante solicitada por vários jornais da época, observamos que foi somente a partir do lançamento de *Laços de Família* (1998) que ela consegue se inserir no campo literário brasileiro, mesmo já sendo bastante conhecida entre os leitores dos jornais da época. Atendendo aos pedidos do mercado editorial, ela consegue deixar a sua escrita mais próxima do cotidiano e consegue realizar uma negociação com o campo literário no Brasil.

## Considerações finais

Para a escritora, a imprensa foi um importante marco na composição do que se tornaria seu livro *Laços de família* (1998), cujos contos já estavam prontos há alguns anos. Desta forma, percebe-se, de maneira bastante contundente, a força das delicadas relações tecidas por ela dentro do campo literário para compor o mosaico de sua obra e conseguir ganhar a confiança e legitimidade do restrito círculo de editores, escritores e intelectuais. Compreender esse cenário é de suma importância para entender a influência do gênero adotado por Clarice, ou o mercado, no qual as *Coleções Menina Moça*, “romances policiais” e “biografias romanceadas” prefigurava 38% do mercado de livros da época. Clarice precisou adaptar esse estilo a partir da recepção distanciada de suas primeiras obras após o lançamento de *Perto do coração selvagem* (1998) entre os anos de 1942 até 1959. Os “manuais de viver” atendiam a nova classe média nascente (gerada a partir das transformações da expansão da escolarização e a revolução do ensino), estilo próximo do livro com o qual Clarice ganha notoriedade (Miceli, 2001a).

Neste sentido, várias questões da trajetória mesma, além de suas motivações pessoais, estão atreladas ao campo. Por isso, faz-se importante na análise do campo literário perceber a relação do artista com seus pares (a rede em que se constituem as atividades literárias). Bourdieu (1996) utiliza a compreensão do conceito de capital cultural para entender o acúmulo de bens simbólicos em cada campo, e Clarice demorou muitos anos, além de uma vasta experiência do exterior, para acumular esse capital cultural. Neste sentido são observadas as relações dialéticas na qual o artista aspirante é submetido às regras do campo literário, no qual os artistas reconhecidos possuem mais poder em função do tempo imerso no campo pretendido, o que faz do campo um espaço marcado por uma eterna luta simbólica de consolidação e direcionada pela reprodução da doxa, das leis que não questionadas nas relações culturais (Grenfell, 2018).

Podemos perceber no conjunto da sua obra um traço que também é presente na filosofia transcendental, na qual há uma ideia de pôr entre parênteses a vida em que estamos vivendo, a realidade chamada natural, a suspensão das crenças imediatas. Essa suspensão caracteriza-se como uma técnica de apagamento do

narrador, e possibilita ao leitor ter maior conexão com os fluxos de memórias e atos de consciência (ou inconsciência) ou do esquecimento do ser como Heidegger (1998) denuncia. Quando ela fala de análise reflexiva é o que ele está criticando e vivendo a partir da nossa experiência do mundo que remonta o sujeito como condição de possibilidade: a narradora sucumbe diante das suas memórias, sensações, dilemas, angústias e reflexões, levando o leitor para uma viagem interior no pensamento das mulheres, realizando uma nova cosmologia de mundo e criação do ser.

## Referências

- ALMEIDA, Adriana Antunes. **Uma possível leitura irônica das colunas femininas de Clarice Lispector**. 2015. 208 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de Doutorado em Letras, Caxias do Sul, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/1347>. Acesso em: 21 maio. 2024.
- BAUDELAIRE, Charles. **As flores do mal**. 5.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- CÂNDIDO, Antônio. No raiar de Clarice Lispector. *In*: CÂNDIDO, Antônio. **Vários Escritos**. 10. ed. Rio de Janeiro: Duas Cidades, 1970. p. 27-33. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/253799002/No-Raiar-de-Clarice-Lispector>. Acesso em: 22 mar. 2018.
- DUARTE, Constância Lima. **Imprensa feminina e feminista no Brasil: século XIX: dicionário Ilustrado**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- ELIAS, Norbert. **Mozart: sociologia de um gênio**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
- FANINI, Michele Asmar. **Fardos e fardões: mulheres na Academia Brasileira de Letras (1897-2003)**. 2009. 387 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2009.
- FLAUBERT, Gustave. **A Educação Sentimental: História de um Jovem**. Trad. Adolfo Casais Monteiro. São Paulo: Nova Alexandria, 2015.
- FRANCO JUNIOR, Arnaldo. Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres, de Clarice Lispector, romance moderno e romance de mocinha. **Signótica**, Goiânia, v. 18, n. 01, p. 01-16, 2008. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sig/article/view/3716>. Acesso em: 22 maio. 2024.
- GOTLIB, Nádya Battella. **Clarice Lispector: uma vida que se conta**. São Paulo: Editora Ática, 1995.
- GRENFELL, Michael. **Pierre Bourdieu: conceitos fundamentais**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2018.

- HEIDEGGER, Martin. **Ser y tiempo**. 2. ed. Tradução de Jorge Eduardo Rivera. Santiago de Chile: Editorial Universitaria, 1998.
- LISPECTOR, CLARICE. **Alguns Contos**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1952.
- LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. 23. ed. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 1998.
- LISPECTOR, Clarice. **A paixão segundo G.H.** Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1964.
- LISPECTOR, Clarice. **A cidade sitiada**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- LISPECTOR, Clarice. **A maçã no escuro**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- LISPECTOR, Clarice. **Água Viva**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- LISPECTOR, Clarice. **Laços de Família**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- LISPECTOR, Clarice. **O lustre**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- LISPECTOR, Clarice. **Onde Estivestes de Noite**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- LISPECTOR, Clarice. **Perto do Coração Selvagem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- LISPECTOR, Clarice. **Um aprendizado ou o livro dos prazeres**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- MICELI, Sergio. A Construção do Trabalho Intelectual. *In*: MICELI, Sergio. **Intelectuais à Brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001a. p. 403-416.
- MICELI, Sergio. Biografia e Cooptação (O Estado Atual das Fontes para a História Social e Política das Elites no Brasil). *In*: MICELI, Sergio. **Intelectuais à Brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001b. p. 345-356.
- MICELI, Sergio. Intelectuais e Classes Dirigentes no Brasil (1920-45). *In*: MICELI, Sergio. **Intelectuais à Brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001c. p. 69-291.
- MICELI, Sergio. Poder, Sexo e Letras na República Velha (Estudo clínico dos Anatolianos). *In*: MICELI, Sergio. **Intelectuais à Brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001d. p. 13-68.
- MOSER, Benjamin (org.). **Todos os contos: Clarice Lispector**. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.
- MOURA, Sergio Arruda. A crônica: entre o campo literário e o campo jornalístico. **Contemporânea**, v. 06, n. 02, 2008. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/contemporanea/article/view/17223>. Acesso em: 21 maio. 2024.
- NUNES, Benedito. **O Drama da Linguagem: uma Leitura de Clarice Lispector**. São Paulo: Ática, 1989.
- PRADO, Rosane Manhães. Um ideal de mulher: estudo dos romances de M. Delly. *In*: BARROS, Myriam M. Lins de; PRADO, Rosane Manhães. **Perspectivas antropológicas da mulher 2**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. p. 71-112.
- SABINO, Fernando; LISPECTOR, Clarice. **Cartas Perto do Coração**. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- VIANA, Nildo. **A Esfera Artística: Marx, Weber, Bourdieu e a Sociologia da Arte**. Porto Alegre: Zouk, 2007.

Recebido: 05 abr 2024

Aceito: 19 jul 2024